

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLVI



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2024

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

O presente tomo das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras* reúne as comunicações apresentadas nas sessões académicas da Classe de Letras no ano de 2018.

Título: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa
Classe de Letras
Tomo XLVI

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Impressão: Gráfica 99

Data de impressão: 2024

ISSN: 0378-116X

Depósito legal: 61370/92

DOI: <https://doi.org/00000>

Frei Manuel do Cenáculo e a Real Mesa Censória: na hora da despedida

MARIA TERESA PAYAN MARTINS

O título da presente comunicação remete-nos para um momento preciso da vida de Dom Frei Manuel do Cenáculo — o da sua destituição de todos os altos cargos exercidos e do seu “exílio” forçado em Beja. Não vamos, assim, evocar a sua trajetória intelectual, não vamos traçar o seu perfil de censor e de Presidente da Real Mesa Censória, não vamos recordar o seu papel fundamental na criação das mais importantes bibliotecas nacionais, não vamos destacar a sua faceta de ilustrado bibliófilo ou de avisado colecionador, vamos tão-só dar voz aos seus pensamentos, na altura em que os novos rumos políticos do reinado de D. Maria I levaram Cenáculo a retirar-se para o seu Bispado.

A morte de Dom José, ocorrida em 21 de fevereiro de 1777, precipitou a queda política do Marquês de Pombal e o afastamento dos seus fiéis colaboradores, entre os quais se encontrava Dom Frei Manuel do Cenáculo. Exonerado da presidência da Real Mesa Censória e substituído pelo Arcebispo de Lacedemónia; avisado por Frei José Mayne de que não era prudente visitar mais o Marquês de Pombal; forçado a apresentar um pedido de demissão dos seus lugares da Corte, prontamente concedido pela Rainha, Frei Manuel do Cenáculo, sagrado Bispo de Beja em 21 de outubro de 1770, retirou-se para o seu bispado em 22 de abril de 1777 e aí iniciou funções prelatícias até ser designado Arcebispo de Évora.

Embora “a queda de um grande homem seja mais impressionante que a sua ascensão”¹, para usar as palavras de Agustina Bessa-Luís, os biógrafos e estudiosos de Frei Manuel do Cenáculo, entre os quais avultam Francisco da Gama Caeiro e Jacques Marcadé, não revelam outros pormenores significativos deste momento histórico, senão os que acima indicámos.

Da leitura do *Diário* de Cenáculo, integrado no acervo da Biblioteca Pública de Évora e hoje disponível em suporte digital, fica claro que Dom Frei Manuel

¹ Bessa-Luís, A., *Sebastião José*. Lisboa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 1984, p. 217.

do Cenáculo mantinha um convívio regular com o Marquês de Pombal muito antes de 1768, ano a partir do qual o Franciscano foi nomeado para os mais altos cargos da hierarquia da Igreja e do Estado, o que, naturalmente, estreitou os laços afetivos entre ambos.

Como muito poucos, Cenáculo manteve-se fiel a Pombal até ao fim, perfeitamente consciente das intrigas palacianas em que o seu nome era envolvido e sem ilusões quanto ao desmoronamento de uma época em que fora figura cimeira.

É interessante notar que Frei Manuel do Cenáculo registou no seu *Diário*, logo em finais de julho de 1770, o seguinte comentário expendido pelo Reitor do Colégio dos Nobres: “No fim de Julho me constou que Joaquim Gomes Teixeira dissera (e quem me disse ouviu-lho imediatamente) que acabado o Marquês também acabava a Mesa Censória e que não valia de nada”².

Já em plena Viradeira, dois apontamentos dispersos dão conta do seu desencanto quanto ao que se passava à sua volta. No primeiro, escreve que “na segunda-feira, 21 [fev. de 1777], faleceu El-Rei, meia hora depois da meia-noite”. E acrescenta: “Depois disso fui sempre indo a casa do Marquês até ao último de fevereiro ou primeiro de março, e não fui até ao último dia porque Mayne me disse que não voltasse lá, por causa da perturbação que havia e exame que naqueles dias se fazia de eu e o Marquês maquinarmos no reinado para que sucedesse o Príncipe [D. José, Príncipe da Beira] e não a Princesa [D. Maria, Princesa do Brasil]; o neto e não a filha. Grande disparate e calúnia!”³. No segundo, uma observação crítica ao ambiente desses dias de agitação na Corte: “Ainda as cinzas de El-Rei estavam quentes, fora da terra, eram tais os impropérios, pasquinadas, versos, mudanças, alterações e novidades que, pertencendo a outra Estação”⁴, não podia ver com bons olhos os novos rumos da História.

Este clima de tensão, de perseguição e ódios, assinalado por Cenáculo, está na origem de um dos episódios em que o Franciscano se viu envolvido e que muito o desgostou. Entre os membros da Mesa Censória levantaram-se suspeitas quanto à idoneidade do Presidente deposto, materializadas no interrogatório feito, em meados de outubro de 1777, pelo Juiz do Crime do Bairro do Limoeiro

² B.P. E., cod.CXXVIII/2-16, fol. 2.

³ B.P.E., cod. CXXIX/1-17, fol. 96.

⁴ *Ibidem*.

ao Secretário da Real Mesa Censória, Alexandre Ferreira de Faria Manuel, preso sob acusação do crime de furto de livros proibidos da Real Mesa Censória e sua venda em benefício próprio, insinuando-se a co-autoria do antigo Presidente da Mesa no crime em averiguação⁵.

Caído em desgraça, afastado do Paço, destituído de todos os cargos de poder, Frei Manuel do Cenáculo tem consciência que só pode contar com a fidelidade da Igreja e não hesita em assumir as funções prelatícias do seu Bispado.

Dom Frei Manuel do Cenáculo foi nomeado Bispo de Beja e Presidente da Real Mesa Censória no mesmo mês e ano — março de 1770. A sua erudição e o seu percurso religioso ao serviço da Ordem Terceira de São Francisco e da Igreja explicam, por si só, a sua nomeação como primeiro prelado de Beja, mas o autor anónimo da *Crónica manuscrita de D. Maria I* apresenta, nestes termos, uma outra explicação: “Satisfeito o Conde de Oeiras, de ter sido condenada pela Mesa Censória a pastoral do Bispo de Coimbra, premiou com brevidade os três censores: ao primeiro (João Pereira Ramos) fez procurador da Coroa e guarda-mor da Torre do Tombo; ao segundo (Frei Manuel do Cenáculo), Bispo de Beja, mestre e confessor do Príncipe e ao terceiro (Frei Inácio de São Caetano) Bispo de Penafiel e confessor da Princesa.”⁶. Seja como for, certo é que o então Presidente da Mesa Censória foi sagrado Bispo em outubro de 1770, na presença da Família Real, na capela do Palácio da Ajuda, e só sete anos mais tarde, com 53 anos de idade, assumiu efetivamente o exercício das suas funções, as quais cessaram em 1802, quando foi nomeado Arcebispo de Évora. Este facto levou a que os seus detratores o atacassem, pondo a circular quadras deste teor: “De que serve na cidade/ De Lisboa a Sé de Beja?/Nem o Príncipe deseja/Para seu Mestre um frade”. Outros apoucavam-no, lembrando o aforismo: “Beja, terra sem fé nem Sé”.

A tudo resistiu Frei Manuel do Cenáculo. Inabalável na sua dignidade, fiel aos seus princípios, registou no *Diário*, os últimos dias vividos em Lisboa, antes de se retirar para a sua diocese, num texto autógrafo, em quatro fólios, escrito numa caligrafia de não muito fácil leitura, contrastando em extensão com a maioria dos apontamentos breves que caracterizam a mencionada obra.⁷

⁵ B.P.E., cod. CXXIII/1-10, doc.69.

⁶ Beirão, C., *D. Maria I (1777–1792). Subsídios para a história do seu reinado*. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1934, p.98.

⁷ B.P.E., cod. CXXIX/1-17, fol. 94-95v.

“Seguro da sua consciência” e depois de se ter posto nas mãos da “Divina Providência”, Cenáculo abre o texto com uma declaração de princípios, face à sua situação após a morte do rei D. José, a qual assume, em nosso entender, o carácter de um auto-retrato moral. São estas as suas palavras:

Falecido El-Rei D. José, e seguindo a catástrofe, que vimos aqueloutra descrição, vivi no Paço com a prudência que me foi possível, assentando não inovar do sistema que nele pratiquei desde que para ele me levaram, pois não o busquei, não o pretendi nem direta nem indiretamente. Não abjurei; não dei satisfações, não tinha de quê, e quando me consideraram cúmplice daquelas imputações que fingiram ou acumularam ou realizavam ao Marquês, na falsa suposição de que a minha familiar comunicação com ele era argumento de que eu o confirmava ou induzia para tudo quanto ele obrara ingrato à Nação e aos particulares.

Evoca, depois, os últimos atos praticados no Paço: Confessou o Príncipe pela última vez no dia dois de fevereiro, dia da Purificação; preparou os dois confesores da Rainha e Rei para que os prevenissem de que se queria ausentar para o seu Bispado, “ao que assentiram os Reis e isso mesmo queriam e muito principalmente os dois confesores seus adversários”. No Paço foi contemplado “como adicto ao Marquês, mas sem indecência”, porque foi “aos quartos todos dos Senhores enquanto estiveram doentes, que foi até ao tempo da sua ausência”.

Frei Manuel do Cenáculo estava ciente da acusação que sob ele impendia e sentia-se injustiçado, como se retira das suas palavras: “A maior indisposição de ânimo dos Reis consistiu na crença que deram às vozes sinistras de que eu e o Marquês pretendíamos estabelecer o Príncipe na sucessão diante à Rainha, o que na verdade foi sonho da emulação.”

Mas a hora era de despedidas e o Bispo de Beja não se furtou a esse momento doloroso.

No dia de S. José, 19 de março, participou ao Príncipe da Beira a sua resolução. A reação de D. José desgosta o seu dedicado mestre e confessor, apesar da compreensão manifestada. “Respondeu-me, assinala Cenáculo, que nada me diria, que nisso estava pelo que determinassem seus Pais: Coitado! Fugiu de mim umas vezes por condescendência com os Pais e Autores e compadecidamente; outras vezes pelo aborrecimento que devia ter uma criança inexperta às sugestões de

cada hora, com que me faziam odioso.” Mas Frei Manuel do Cenáculo já tinha tomado a decisão de “nunca mais falar com o Príncipe em particular, para evitar suspeitas e ciúmes.”

Seguidamente, falou em separado com o Rei e com a Rainha — ambos aludiram à delicadeza do momento, convieram que “fazia bem” em se afastar de Lisboa e foram unânimes em que “confessasse o Príncipe enquanto estivesse na Corte”.

No dia 16 de abril, quarta-feira, “beijou a mão às Senhoras”, tendo a Rainha-Mãe reconhecido que “fazia bem em retirar-se do Mundo”. Foi conduzido pelo Bispo de Penafiel ao quarto da Rainha, “que o despediu com agrado, e lhe beijou a mão por lhe conservar o ordenado de confessor”.

Cumprida esta obrigação, havia que acautelar aspetos práticos da vida, de que Cenáculo dá nota, não sem um toque de ironia: “Vim para casa soltar as velas ao embarque dos meus trastes e despedir-me: ocorria a dia da coroação da Rainha; como era incerto, com isto me escusava, visto que havia mandado para Beja a mobília, e eles, Santo Senhor, queriam.”

Retoma, então, o tema da cessação de funções e a protocolar apresentação de cumprimentos, agora relativa aos tribunais a que presidira e escreve:

Fui aos tribunais, de que era Presidente, até à segunda-feira, 14 de abril. Neles não fiz despedida (o que se reparou no Paço) porque não são casas de cumprimentos nem grades de freiras e eu neles sempre conservei o decore de só se falar no fim para que eles eram destinados, mas deixei as contas feitas e assinadas como também quanto era de despacho e fui a casa dos Ministros despedir-me, o que havia feito antes do último dia em que fui ao tribunal.

Quebradas definitivamente as amarras que o prenderam tantos anos ao Poder, faltava a despedida do seu Convento de Jesus. Reserva para os seus irmãos frades o comentário mais amargo e mais duro, não escondendo como o sentimento de ingratidão por muitos manifestado o feriu profundamente. Eis as suas palavras:

No dia sábado 19 de abril, removido dos meus irmãos frades que trabalharam e se esforçaram por me arruinar, infamar e expelir, os mesmos que acabavam de me fazer sociedade e a meu irmão no seu governo, havendo eu gastado desvelos, fazenda, honra, dinheiro, crédito e todo o género de beneficência da minha possibilidade desde janeiro

de 1743, sempre com a reta intenção e jamais alterada de ver a Providência Santa e sábia, e cuja descrição pertence a outra parte, removido assim, me despedi de cada um nas suas celas.

Chegada a hora da partida, “ao sair da Portaria disse ao Provincial que jamais se esqueceria da Província que o criara”, mas o Provincial e o Ministro fizeram questão de o acompanhar, nas suas seges, “ao escaler que estava na Ribeira Nova”. A frase que assinala o momento exato da partida pode interpretar-se como um lema de vida: “Embarquei, ao partir o escaler, acenei de despedida e não olhei mais para trás.”

A descrição da viagem até Beja é pormenorizada e entrecortada pelos pensamentos que povoavam o seu espírito.

Depois de reconhecer que ainda em Lisboa, em “todos os dias de perturbação”, se preparara “fundo do coração” para ir para a sua Igreja e de revelar que “celebrara muitas vezes a esse fim”, refere, nos termos que se seguem, a primeira etapa da viagem: “Saímos com a mais feliz maré e dentro em uma hora chegámos a Aldeia Galega; jantámos e fomos dormir aos Pegões.”

A viagem era propícia à reflexão e Frei Manuel do Cenáculo traz à lembrança “os afetos com que muitas e repetidas vezes, nas janelas do quarto do Príncipe, que davam para o Alentejo, recordava, desde que fora Bispo, a sua obrigação de Pastor ausente e que sendo o primeiro Bispo e fundador até o amor-próprio o repreendia de que não eram aqueles epítetos ajustados à sua ausência na Corte.” Nestes “afetos continuados fez a sua jornada, indo no domingo jantar a Silveiras, dormir a S. Tiago do Escoiral, na segunda-feira jantar às Alcáçovas, a casa do Diogo Fragoso, cujo filho, Manuel Estanislau, lhe fora oferecer em Lisboa (caso raro naquelas circunstâncias), dormir a Cuba e, na terça-feira 22 de abril, jantar a Beja, esperado legítima e civilmente pela cidade em dia faustíssimo, como consta da Relação.”

Deus o foi ajudando com ânimo “e o maior desapego de frades e da Corte”. O seu pensamento e as suas energias concentravam-se agora num só objetivo — exercer as funções prelatícias com zelo, como evidenciam os propósitos enunciados: “Pregar, exortar, ensinar por todos os meios e caminhos, dar esmolas e empregar na minha Esposa quanto for meu de espírito, diligência e possibilidade material e espiritual; educar a mocidade; dar bom exemplo e propor-me aos Bispos que devo ter diante dos olhos. Buscar pela humildade e humilhações

a minha expiação, que não falta de quê; estabelecer sãs doutrinas e fazer o Clero aceitável em Fé e digno das necessidades dos Povos.”

A vista da cidade “enterneceu-o” e reforçou o seu desejo de ser um bom Pastor. A História já se encarregou de provar como foi fecunda a sua ação evangélica.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À SESSÃO DEDICADA À EVOCAÇÃO DE FREI MANUEL DO CENÁCULO E A REAL MESA CENSÓRIA, NOS 250 ANOS DA SUA FUNDAÇÃO, A 23 DE OUTUBRO DE 2018)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES MANUSCRITAS

- BPE. – Códice CXXVIII – 1-10: Correspondência do Secretário da Real Mesa Censória, Alexandre Ferreira de Faria Manuel, para Dom Frei Manuel do Cenáculo (1770–1780).
BPE. – Códice CXXVIII – 2-16: Diário de Dom Frei Manuel do Cenáculo.
BPE. – Códice CXXIX – 1-17: Diário de Dom Frei Manuel do Cenáculo.
BPE. – Códice CXXIII – 1-10, doc. 69.

FONTES IMPRESSAS

- BEIRÃO, Caetano. *D. Maria I (1777–1792). Subsídios para a história do seu reinado*. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1934, p.98.
BESSA-LUÍS, Agustina. *Sebastião José*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984, p. 217.
CAEIRO, Francisco da Gama. *Frei Manuel do Cenáculo – aspectos da sua actuação filosófica*. Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1959. (Reproduzido em CAEIRO, Francisco da Gama. *Dispersos*. Organização de Maria de Lourdes Sirgado Ganho. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 3 vols.; vol.1, pp. 333-499).
MARCADÉ, J. *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas, évêque de Beja, archevêque d’Évora (1770–1814)*. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1978.